

### *Résumé*

*La représentation de diable change avec le contexte historique, la culture et les peurs de la société. Chaque société a une perception de l'autre, de soi-même, des ennemis et elle ira construire l'image de diable avec cet ensemble.*

### **1. A questão do Mal**

Na festa hebraica das Expições, o sacerdote tomava um bode, punha ambas as mãos sobre a cabeça dele, confessando os pecados do povo. Em seguida, o bode era levado e solto no deserto, como sacrifício a *Azazel* (demônio do deserto). Com este rito pretendia-se devolver ao demônio os pecados que ele tinha causado e oferecer-lhe um bode como sacrifício propiciatório. O importante era que o demônio não ficasse irado com o povo e, sobretudo, que permanecesse distante. De lá para cá, o bode se tornou um dos símbolos do demônio.

Hoje, o demônio é muito atual. Nunca caiu no esquecimento, mas em determinadas épocas ele volta à tona. Sobretudo nas igrejas, que multiplicam pregações, exorcismos, ritos de libertação, para se prevenir contra esta presença misteriosa e ameaçadora. A ele se atribuem todo tipo de males, desgraças, doenças, negócios malsucedidos, influências negativas, etc. No imaginário do povo, ele age prejudicando as pessoas em seus projetos particulares e como estrutura organizada do mal.

---

\* Mestre em Ciência da Religião e professor de Teologia na Universidade Católica de Goiás.

E-mail: schiavo@cultura.com.br

Mas, existe verdadeiramente Satanás, ou trata-se de uma construção simbólica? E o que está por trás desta figura e das imagens a ela relacionadas? Para muitos, Satanás não passa de um arcaísmo infantil, uma imagem que uma fé adulta deve superar. Para outros, é uma realidade que ameaça continuamente a nossa vida. Como interpretar tudo isso?

O presente estudo busca aprofundar tais questionamentos a partir do ponto de vista antropológico e bíblico. A presença de diferentes imagens de Satanás no mundo bíblico, e a evolução deste conceito, nos leva a pensar que a construção simbólica de tal imagem tem a ver com o contexto sociocultural do tempo, e é o condensado da experiência concreta e histórica do mal, do sofrimento, da opressão, do desespero do povo. A imagem de Satanás corresponderia, portanto, à necessidade de concentrar, visualizar e dar identidade ao inimigo que ameaça a saúde, os projetos, os sonhos e a mesma sobrevivência do povo.

## **2. O Mal e suas representações**

Mal, demônios e doença são considerados como mutuamente dependentes. A doença na história das religiões simboliza a presença do caos, da desordem dos monstros originários ou da ação dos demônios. No nível religioso, isso geralmente é entendido como consequência do pecado.

**2.1. O mal como caos e desordem.** O mal é algo que a pessoa humana percebe como externo e ao mesmo tempo interno a ela. É entendido como algo que existe e “é sempre, por assim dizer, fora de lugar, porque é aquela força que se opõe à ordem e não se pode, em nenhum modo, fazer com que volte em nenhuma mais tranquilizante estrutura do ser” (SACCHI, 1990: 297). O desconhecido, o estranho, o caos são entendidos como inimigos por ameaçarem a ordem estabelecida de um grupo ou sociedade.

“As sociedades arcaicas e tradicionais concebem o mundo que as cerca como um microcosmo. Nos limites desse mundo fechado começa o domínio do desconhecido, do não formado. De um lado existe o espaço cósmico, uma vez que habitado e organizado. Do outro lado, fora desse espaço familiar, existe a região desconhecida e temível dos demônios, das larvas, dos mortos, dos estranhos – ou seja, o caos, a morte, a noite. (...) Pelo fato de atacarem e colocarem

em perigo o equilíbrio e a própria vida da cidade (ou de qualquer outro território habitado e organizado), os inimigos são identificados às forças demoníacas, pois tentam reintegrar este microcosmo ao estado caótico, ou seja, suprimi-lo” (ELIADE, 1991: 34).

**2.2. Os grandes monstros**, “na história das religiões servem de catalisadores dos males e estão na origem tanto do mal metafísico como das doenças, da desordem cósmica e do caos ou da mentira ética e moral” (TERRIN, 1998: 157).

**2.2.1.** No mundo mesopotâmico, *Tiamat* representa a água salgada do mar, insalubre para a vida, mas também a inércia, a falta de movimento, o peso morto do passado. Ela entra em conflito<sup>1</sup> com o jovem deus *Marduk*, que representa a vida, o movimento, o dinamismo, a inteligência criativa, o futuro. *Tiamat*, na guerra contra *Marduk*, dispõe de uma sua tropa:

“serpentes monstruosas com presas afiadas e corpos repletos de veneno. Chegou mesmo a dotar esse seres repulsivos de uma aura aterrorizante e quase divina, a fim de que todos os que os contemplassem morressem de terror. E acrescentou reforços: víboras, dragões, leões enormes, cães enraivecidos, poderosos demônios da tempestade, bisões, criaturas voadoras, homens-escorpião – todos letais e ávidos para entrar em combate” (COHN, 1996: 69-70).

Tudo o que existe de mal está concentrado em *Tiamat*! Mas, *Marduk*, deus da vida, vence o combate. Mata *Tiamat* e divide sua carcaça em duas partes: com uma faz o céu e as águas do céu, contidas pelas traves celestes, organiza os astros, o sol e a lua, as constelações, o calendário; com a outra metade, abastece de água os rios da Mesopotâmia. A ordem está reestabelecida, a vida, a paz, a saúde, a felicidade, a prosperidade, a salvação garantidas! Mas, mesmo vencida e morta, *Tiamat* continua presente, e com suas águas salgadas cobre a maior parte da superfície da terra. É uma ameaça constante com suas inundações, que tem de ser periodicamente repelida e novamente destruída. Para isso existe o culto.

**2.2.2.** No mundo ugarítico-cananeu, que muito influenciou o Israel antigo, aparece o mesmo “mito do combate” entre as forças cósmicas. De um lado, *Yam*, deus do mar indomável e sempre em movimento, ameaçando a terra sólida<sup>2</sup>, o oceano mítico que circunda a terra e pode em qualquer

momento submergi-la e destruí-la, símbolo, portanto, do caos e da desordem; do outro, o jovem *Ba'al*, no mundo bíblico substituído por Jahvé, deus da tempestade, da chuva, da fecundidade da terra, cuja tarefa é acabar com *Yam* e trazer de volta a ordem cósmica. Alguns mitos ugaríticos identificam *Yam*, deus do mar, ao *Leviatã*, a serpente escorregadia, o tirano de sete cabeças; e a *Raab*, provavelmente um dragão<sup>3</sup>. Na Bíblia, o *Leviatã* aparece no livro de Jô 3,8; 26,13; 40,25; Am 3,9; Sl 74,14; 104,26. Dele assim fala Isaías: “Naquele dia, punirá *Jahvé*, com a sua espada dura, grande e forte, a *Leviatã*, serpente escorregadia, a *Leviatã*, serpente tortuosa, e matará o monstro que habita o mar” (27,1). De *Raab*, o dragão, também se fala na Bíblia, em relação à vitória de Jahvé: “Por acaso não és tu (*Jahvé*, ndr.) aquele que despedaçou *Raab*, que transpassou o dragão?” (Is. 51,9; ver também: Jô 7,12; Sl 89,11). *Raab* passou mais tarde a personificar o Mar Vermelho e o Egito: “Sim, o auxílio do Egito é inútil e vão. Eis por que lhe chamei *Raab*, a *rebaixada*” (Is 30,7 e Sl 87,4). Mas, como sempre acontece, o monstro do caos não é destruído, mas apenas contido, mantido à distância.

**2.2.3.** Em Ugarit existe outro inimigo de *Ba'al*: *Mot*, deus da seca, da esterilidade da terra e da morte. Ele mora no deserto e é o gênio do calor escaldante do verão. Como *Ba'al* é o senhor dos vivos, *Mot* é o senhor da morte, imaginada como “um ser voraz, dotado de insaciável apetite por carne e sangue humanos” (COHN, 1996: 168). Seu nome significa “morte”. Do mundo inferior, definido como “poço”, “abismo”, *Mot* governa como rei. Enfrentando *Ba'al*, *Mot* o vence e o mata, mas pela intervenção de *Anat*, irmã e consorte de *Ba'al*, este renasce e a terra volta à fertilidade. Esses mitos simbolizam, com seus conflitos, as mudanças meteorológicas da terra de Canaã, nas suas passagens do seco e quente verão ao chuvoso e frio inverno, da esterilidade da terra à fecundidade da primavera, como da morte à vida. Não é por acaso que os mitos “sobre a vitória de *Ba'al* eram recitados em festivais de outono para a celebração do ano novo, a fim de garantir que as vitórias se repetissem e que outra vez fosse concedida a chuva que possibilita a vida” (COHN, 1996: 170).

**2.3. Um mundo dos demônios** substitui aos poucos o mundo dos grandes monstros. O âmbito maior e de difícil domínio deixa lugar para seres maus menores, mais fáceis de serem neutralizados através da magia, do exorcismo e das práticas divinatórias. Multiplicam-se os seres negativos: há um demônio para cada doença e desgraça; há hostes de espíritos maus prontos para tomar posse da pessoa humana, a fim de prejudicá-la. Segundo uma

crença popular judaica do I séc. d.C., “nenhum homem poderia sobreviver se tomasse conhecimento do número de demônios que o cercava. Eles eram como a terra que é levantada ao redor da cova que foi semeada” (BARKLAY, 1975: 118). A seguinte oração babilônica a *Marduk* mostra o tanto de demônios que podem tomar posse de uma pessoa:

“Que *Marduk* desfaça tudo aquilo que foi feito ao meu corpo [...] Um deus mau, um *alu* malvado, um *utukku* malvado, um *shedu* malvado, um *rabisu* malvado, um *namtaru* (demônio ed morte), uma *labartu*, um *labasu*, um *ahhazu*, um *lilu*, um *lilitu*, uma serva de *lilu* (deus da tempestade, que habitam no meu corpo, na minha carne, em minhas articulações [...])” (DI NOLA, 1988: 248).

A doença é causada pela “invasão” dos espíritos ou de alguma divindade. O Egito desenvolveu uma visão “localística” da doença, pela qual ela era relacionada a um órgão específico e este a uma força espiritual, um demônio particular que presidia cada órgão (TERRIN, 1998: 162-163). Além de serem atribuídas aos demônios, doença e desgraça são motivadas pelo pecado. Toda vez que a pessoa humana viola a ordem natural da vida, relacionada à ordem cósmica, regulada pelos astros e pelas estações, cai na desordem e é agredida por forças malignas. Assim, pecado e doença estão intimamente ligados e dependentes. A situação de perigo e ameaça que os demônios representam valoriza o poder da magia dos amuletos e dos encantamentos. Um ditado judaico dizia: “Peste e febre estão longe de quem tem um amuleto”. Assim, mesmo que no mundo judaico se acreditasse que só Deus cura, desenvolveram-se ritos de exorcismos e de prevenção contra os demônios. Salomão, considerado o *Mestre dos Demônios*, expulsava os demônios colocando no peito da pessoa um anel com uma raiz e palavras mágicas<sup>4</sup>. Filon de Alexandria, um judeu de cultura helenista contemporâneo de Jesus, descreve os *therapeutae* (curandeiros) das comunidades dos Essênios, que curavam também “as almas oprimidas por doenças graves e praticamente incuráveis, afligidas por prazeres e desejos, por dores e medos, atos de cupidez, loucura e injustiça, e pela multidão de outras paixões e vícios” (KEE, 1993: 47). Demônio é uma divindade menor do céu, que antigamente tinha funções positivas de orientar e proteger as pessoas e as famílias. Posteriormente se tornou espírito mau, que atormenta os seres humanos, causando doenças, maus psíquicos e mentais e conduzindo por maus caminhos” (SCHIAVO, 2000: 63).

### 3. O universo mítico e social das figuras de Satanás na Bíblia

Não existe na Bíblia uma única e mesma figura ou palavra para indicar o Mal e Satanás, porque a idéia de demônio como personificação do mal evoluiu nas várias épocas históricas, devido à influência das religiões vizinhas e às diferentes experiências de mal vividas pelo povo. A construção do imaginário ligado à figura de Satanás é fruto de uma grande mistura cultural, com influências da magia, da religiosidade popular, do ritualismo mágico oficial, do simbolismo poético e da psicologia<sup>5</sup>.

De maneira sucinta, vamos analisar as principais “definições” de Satanás, assim como aparecem ao longo da história bíblica.

**3.1. “O adversário”.** Na primeira vez que Satanás aparece na Bíblia, ele é “o adversário” (= significado do radical hebraico *stin*): Davi é um *satanás* para os filisteus que se preparam para a guerra contra Israel: “que não aconteça que no combate seja um *satanás* para nós” (1Sm 29,4). Em outra passagem, é Razon o *satanás*, o adversário de Salomão e de Israel: “Javé suscitou contra Salomão outro inimigo (*satanás*) também: Razon, filho de Aliada, que fugira de seu senhor” (1Rs 11,23). Nestes textos mais antigos, “vê-se claramente que, em sua origem, a palavra *satanás* era somente um apelido comum para os homens” (MATEUS: 139-140). Satanás é o inimigo terreno, o adversário que ameaça. Na sua origem, o mal é atribuído a Javé, assim como o bem: é ele que manda o inimigo, o *satanás*. A teologia javista, com sua forte tendência exclusivista e monoteística, obstaculou, pelo menos no começo, a formação de um conceito transcendente de mal e sua personificação num ser divino e celeste, quase como um deus oposto a Javé. O mal está associado à idéia de pecado e de infidelidade a Javé.

“A religião bíblica é incapaz de conciliar a si mesma com a idéia que existia um poder no universo que desafia a autoridade de Deus e que poderia servir de antideus, o símbolo e a fonte do mal. Então, isso faz com que seja transferido da realeza metafísica, à realeza do pecado”<sup>6</sup>.

**3.2. “O acusador”.** Com o pós-exílio, no contato com a grandeza e magnitude das cortes babilônicas e persas, Deus é comparado a um rei poderoso, cercado por uma numerosa corte de ministros (anjos) que executam suas ordens. Jahvé deixa a terra e sobe para o céu, tornando-se: *o Deus dos*

*céus*, que, como o sol, a lua, os astros, governa o mundo a partir de suas leis justas e imutáveis. E quanto mais alto, mais distante e inacessível, necessitando de intermediários: os anjos, seus mensageiros. Entre eles, *Satanás*, por enquanto anjo, ele, também. A experiência do mal e do sofrimento (o exílio e a dura submissão aos estrangeiros) é provocada por alguém que vem de fora, o rei estrangeiro. O mal começa a ser atribuído a um ser externo, celeste, porque ligado ao rei estrangeiro: *Satanás*, membro da corte celestial, ainda que encarregado de tarefas incomuns (FORSYTH, 1987: 107). Encontramos esta imagem no livro de Jô, escrito por volta de 550 a.C. *Satanás* é um *ben-helohim*, um filho de Deus (termo que significa “um dos seres divinos”), exerce o papel de antagonista, querendo testar a fidelidade e a justiça de Jô: ele é autorizado por Deus a ferir Jô com desgraças, mas no respeito da vida dele (Jô 1-2). No dia marcado para a audiência (o modelo é do monarca que em certos dias recebe seus servidores), os filhos de Deus (anjos) se apresentam a Deus. Entre eles, está também *Satanás*. E Jahvé lhe pergunta: “De onde vens?” E *Satanás* responde: “Venho de dar uma volta pela terra, andando a esmo” (Jô 1,6-7). Neste ponto, o redator

“explora a similaridade entre o som das palavras hebraicas *satan* e *shût*, que significa ‘rodear’, sugerindo que o papel especial de *satanás* na corte celestial é o de uma espécie de agente ambulante de espionagem, tais como aqueles que muitos judeus da época teriam conhecido – e detestado – como membros do refinado sistema de polícia secreta e espões do rei da Pérsia. Tido como ‘o olho do rei’ ou ‘o ouvido do rei’, esses agentes vagueavam pelo império à procura de sinais de deslealdade entre o povo” (FORSYTH, 1987: 114).

*Satanás* desafia Deus a pôr à prova Jô, para medir a sua fidelidade. O que segue é de uma dramaticidade única, e nos faz lembrar a triste situação dos judeus nas garras do império persa: Jô perde de uma só vez filhos e filhas, bois, mulas, ovelhas, pastores, camelos e todas as suas propriedades e riquezas, mas sua fé fica íntegra e inabalável. Por fim, *Satanás* feriu Jô “com chagas malignas desde a planta dos pés até o cume da cabeça” (2,7), mas ele suporta a prova e *Satanás* se retira dele.

**3.3. “O portador da luz” (Lúcifer), que se torna “o sem-luz” (Belial).** A época da dominação grega (a partir de 323 a.C.) se caracteriza pela forte pressão cultural, cujo objetivo era a globalização social e econô-

mica, “formar um só povo” (1Mac 1,41), através da imposição dos mesmos costumes, língua e religião. A ameaça vem agora do império grego, com sua cultura sofisticada, o atraente pensamento filosófico, os modernos costumes e uma religião caracterizada por um grande número de deuses, descritos com traços humanos. Tudo isso representava um sério perigo de sedução para muitos judeus, que buscavam se adequar às novidades e ao “ar moderno”. Como conservar a cultura judaica, afirmando ser Jahvé o verdadeiro deus? Na religião grega, deuses e humanos se envolviam em amores, conflitos, contendas, numa estranha mistura de humano e divino. Além disso, havia a pretensão dos reis gregos de terem origens divinas: o divino que se faz humano! E o pior era que muitos judeus, seduzidos pelas novas idéias, abandonavam o judaísmo, e passavam para o lado grego (1Mac 1,13-15). Aos olhos dos judeus tradicionais, tudo isso devia aparecer como uma tremenda confusão, um rebaixamento do divino ao humano e, simbolicamente, foi imaginado como uma queda de divinos, que, seduzidos e misturados aos humanos, se tornaram demônios. Nasce assim o mito de *Lúcifer*, o anjo da luz, o mais reluzente entre os seres divinos, que, apaixonado pelas mulheres humanas, cai para a terra, perdendo seu antigo esplendor. Lemos em Gn 6,1-4:

“Quando os homens começaram a ser numerosos sobre a face da terra, e lhe nasceram filhas, os filhos de Deus (os anjos, ndr.) viram que as filhas dos homens eram belas e tomaram como mulheres todas as que lhes agradaram. Jahvé disse: ‘Meu espírito não se responsabilizará indefinidamente pelo homem, pois ele é carne; não viverá mais que 120 anos’. Ora, naquele tempo (e também depois), quando os filhos de Deus se uniam às filhas dos homens e estas lhe davam filhos, os *Nefilim* (= os decaídos, ndr.) habitavam sobre a terra; estes homens famosos foram os heróis dos tempos antigos”. (Gn 6,1-4 e 1Enoque 6-7).

Na terra, os demônios são responsabilizados pelo mal que existe, ensinando aos homens todo tipo de maldade:

“Azazel ensinou aos homens a confecção de espadas, facas, escudos e armaduras, abrindo os seus olhos para os metais e para a maneira de trabalhá-los. Vieram depois os braceletes, os adornos diversos, o uso de cosméticos, o embelezamento das pálpebras, toda sorte de pedras preciosas e a arte das tintas. E assim propagava-se

uma grande impiedade; eles promoviam a prostituição, conduziam aos excessos e eram corruptos em todos os sentidos. Semjaza ensinava os esconjuros e as poções de feitiços, Armaros a dissipação dos esconjuros, Barakijal a astrologia, Kokabel a ciência das constelações, Ezekeel a observação das nuvens, Arakiel os sinais da terra, Samsiel os sinais do sol e Sariel as fases da lua” (1Enoque 8).

É clara a crítica aos gregos, responsabilizados pelos males da humanidade. A figura de Satanás, agora personificado, vem adquirindo sempre mais importância, e multiplicam-se as versões sobre sua origem. *Lúcifer* (= “portador da luz”) se transforma em demônio: *Belial*, de “*beli’ôr*”, que significa “sem luz”.

**3.4. “O ódio” (Mastema).** Na época de Jesus, o conflito entre o império romano que ocupava a Palestina e os judeus se tornou mais acirrado. É questão de vida ou de morte! Levantes populares, protestos, insurreições, banditismo: o clima é explosivo<sup>7</sup>, e a guerra estava no ar. Este conflito foi entendido, a nível cósmico, como uma batalha entre Deus e Satanás pelo domínio da terra. Satanás é agora chamado *Mastema*, que quer dizer “ódio”, expressando muito bem a experiência do mal vivida por muitos. A visão da história é sempre mais maniqueísta: *Mastema*, uma figura do imperador romano, é adorado como um deus: “ele já se tornou o princípio metafísico do mal, o chefe de uma espécie de reino, paralelo àquele de Deus, para o qual, Deus mesmo entrega como súditos, as almas dos gigantes, quer dizer dos espíritos malignos” (SACCHI, 1990: 288). Cada pessoa precisa optar, pois pertencer ao povo eleito não garante mais imunidade contra o mal: de agora em diante, o que vale é a própria conduta moral, pela qual se faz parte dos *filhos da luz* ou dos *filhos das trevas*. O grupo sectário dos Essênios, que surgiu e cresceu entre o II séc. a.C. e o I séc. d.C., via

“a ocupação estrangeira da Palestina – e a acomodação da maioria dos judeus à ocupação – como prova de que as forças do mal haviam assumido o domínio do mundo – sob forma de Satanás, Mastema ou do Príncipe das Trevas –, infiltrando-se e dominando o próprio povo de Deus, transformando quase todos em aliados do diabo” (PAGELS, 1996: 86).

O dualismo terrestre é o espelho do dualismo cósmico: a guerra é inevitável. Na biblioteca de Qumran encontramos a *Regra da Guerra*, um manual de como será a guerra que destruirá Satanás e seus aliados, os romanos.

Ali se diz:

“E no dia em que caírem os *Kittim* (os romanos, ndr.) haverá um combate e destruição feroz diante do Deus de Israel, pois este será o dia fixado por ele desde antigamente para a guerra de extermínio contra os filhos das trevas. Neste (dia) se enfrentarão para grande destruição a congregação dos deuses e a assembléia dos homens. Os filhos da luz e o lote das trevas guerrearão juntos pelo poder de Deus” (1QM I,9-11).

E seguem as instruções e as estratégias de como deve ser conduzida a batalha. A espera da vinda do Messias – e sua intervenção na guerra – era garantia de vitória final. De fato, a guerra estourou em 66 d.C., com a conseqüente destruição dos judeus e da Palestina.

**3.5. “O senhor das moscas ou do esterco” (Beelzebul).** *Beelzebul*, “o príncipe dos demônios”, é outro nome de Satanás, típico do tempo de Jesus. Os fariseus aplicavam tal apelido a Jesus, dizendo: “Está possuído por Beelzebul” (Mc 3,22). O nome *Baal-Zebub*, (2Rs 1,1-18) deve ter sido de um deus semita, provavelmente de origem filistéia. O termo *Baal* indica “senhor, deus, patrão”, enquanto *Zebub* é nome coletivo que significa “mosquitos”. Tratar-se-ia, portanto do “senhor dos mosquitos”, no sentido do deus que causa ou cura doenças. Parece que os judeus usavam este nome de forma irônica e intolerante: para eles, seria o “deus do esterco”, por ser o esterco o lugar que reúne os mosquitos.

**3.6. Conclusão.** Este pequeno *excursus* histórico nos permitiu entrever, mesmo rapidamente, que o imaginário popular reveste a figura de Satanás de tudo que há de negativo, a partir da experiência de mal que o povo vive. Satanás é “pintado” com as cores do que faz sofrer e ameaça a vida do povo. A figura de satanás, assim como ela é descrita nas várias épocas históricas, é de fundamental importância para entender a experiência histórica do povo, sobretudo em relação ao que ameaça a vida pessoal e coletiva.

#### 4. O outro e o demônio

Satanás, Belial, Mastema, Beelzebul e as outras imagens do demônio não nasceram por acaso e do nada. Essas figuras “emergiram da agitação da Palestina no século I, o mesmo ambiente em que começou a crescer o Movimento cristão” (PAGELS, 1996: 16). Satanás é “um reflexo da maneira como

percebemos a nós mesmos e àqueles que chamamos de os 'outros'." (PAGELS, 1996: 17). A tendência à oposição, ao dualismo, nós *versus* eles, leva inevitavelmente à seguinte classificação: nós, os humanos; eles, os não-humanos. É interessante que "a antiga palavra egípcia para egípcios significava *humano*; a palavra grega relativa a não-grego, *bárbaro*, imita de maneira mais grotesca a algaravia gutural dos que não falavam grego – e uma vez que falavam ininteligivelmente, os gregos os chamavam de *barbaroi*" (PAGELS, 1996: 17). Mas, esta maneira de enfatizar o outro e suas diferenças nada mais é do que um processo que contribui para definir e solidificar a própria identidade coletiva. "Uma sociedade não descobre simplesmente seus outros, ela os fabrica, selecionando, isolando e enfatizando um aspecto da vida desses outros e fazendo com que ele simbolize a diferença entre ambos"<sup>8</sup>. Assim, chamar os outros, os nossos inimigos, de demônios ou Satanás representa um passo fundamental na consolidação de nossa identidade, mas pode levar também a justificar, em nome de Deus e da religião, o ódio e a destruição total dos nossos inimigos. O passo seguinte é elevar o conflito histórico ao nível sobrenatural e cósmico, legitimando, pela religião, a demonização de grupos sociais ou pessoas entendidas como "inimigos". Este processo é muito comum, e está presente também na Bíblia e nos evangelhos, sendo responsável, por exemplo, pela condenação dos judeus como assassinos de Jesus e dos romanos como seus agentes. Serve para dar segurança no conflito e fortalecer a fé, pois os inimigos, "os filhos do inferno", já estão "condenados ao inferno", e, portanto, derrotados.

A nível de imaginário coletivo, tal processo serve para legitimar grupos, poderes, comportamentos sociais, valores e condenar outros. A sociedade cria o "evidente", o "natural", o "normal", o "social", bloqueando a possibilidade de pensar o heterogêneo. O "outro" só é possível como cópia imperfeita da identidade coletiva, e, se não se encaixar nos padrões coletivos, é reprimido. A construção simbólica da figura do demônio, da mulher pérfida infratora das normas constituídas, da bruxa, do herege, do judeu como "diferente", etc. respondem a este processo em que a sociedade padroniza valores, papéis, comportamentos, necessários para afirmar sua identidade. Mas, assim fazendo, se fecha ao "outro" como diferente, eliminando um confronto plural entendido como estímulo de abertura e de diálogo. As fogueiras de todos os tempos se tornaram instrumentos e sinais deste fechamento cultural e religioso.

Afinal, Satanás existe?

Alguém afirmou que se não existir, precisamos inventá-lo, pois ele representa este processo psicológico e social de visualizar, representar, neutralizar o inimigo e fortalecer a própria identidade. Processo, porém, muitas vezes perigoso, por criar novas marginalizações, exclusões e condenações.

Criar relações construtivas e de diálogo com “o outro” permanece o desafio de sempre, talvez o maior de todos, como afirmava Jesus: : “Ouvistes o que foi dito: ‘Amarás o teu próximo, e odiarás o teu inimigo.’ Eu, porém, vos digo: ‘Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem, para que vos torneis filhos do vosso Pai celeste” (Mt 5,43-44).

Sem necessidade de criar demônios que assustam e ameaçam a nossa vida.

### Bibliografia

- BARNSTONE, Willis (ed.). *The Other Bible. Jewish Pseudepygrapha. Christian Apocryphas. Gnostic Scriptures. Kabbalah. Dead Sea Scroll.* San Francisco: HarperSanFrancisco, 1984. 742 p.
- CHARLES, R. (ed.). *The Apocrypha and Pseudepigrapha of the Old Testament.* 2v. Oxford, 1913.
- CHARLESWORTH, James H. (ed.). *The Old Testament Pseudepygrpha. V. I-II.* New York: Doubleday, 1983.
- CRAVERI, Marcello (org.). *I Vangeli Apocrifi.* Torino: Einaudi Tascabili. 1997. 603 p.
- DIEZ MACHO, Alejandro. *Apocrifos del Antiguo Testamento.* v. IV e V. Madrid: Ed. Cristiandad, 1987
- HENNECKE, Edgar. *New Testament Apocripha.* v. I, Trowbridge Wiltshire: SCM Press LTD, 1993. 530 p.
- \_\_\_\_\_. *New Testament Apocripha.* Edited by SCHNEEMELCHER, W. v. I-II. Philadelphia: The Westminster Press, 1964.
- JAMES, M. (ed.). *The Apocryphal New Testament.* Oxford, 1924.
- JOSEFO, Flávio. *Antiguidades judias*, in: *Obras completas de Flávio Josefo.* Buenos Aires: Acervo Cultural Editores, 1961. 1130 p.
- \_\_\_\_\_. *Guerra de los judios*, in: *Obras completas de Flávio Josefo.* Buenos Aires: Acervo Cultural Editores, 1961. 370 p.

- LETE, G. Del Olmo. *Mitos e Leyendas de Canaan*. Madrid: Ed. Cristiandad, 1981. 699 p.
- MARTINEZ, Florentino García. *Textos de Qumran*. Petrópolis: Vozes, 1995. 580 p.
- PARKER, Simon B. (ed.). *Ugaritic Narrative Poetry*. Missoula: SBL, Scholars Press, 1997. p. 265.
- SCHNEEMELCHER, Wilhelm. *New Testament Apocrypha*. Philadelphia: Westminster Press, 1991. 851 p.
- TRICCA, Maria Helena de Oliveira (org.). *Apócrifos. Os Proscritos da Bíblia. 4V*. São Paulo: Ed. Mercuryo, 1995.

### Referências bibliográficas

- BARKLAY, W. *The Gospel of Mark*. Philadelphia: Westminster Press, 1975.
- COHN, Norman. *Cosmos, Caos e o Mundo que virá. As Origens das Crenças no Apocalipse*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- COMMÉLIN, P. *Mitologia Greco-romana*. Salvador: Aguiar e Souza Ltda., Livraria Progresso ed., 1957. 381 p.
- COOGAN, Michael David. *Stories from Ancient Canaan*. Philadelphia: The Westminster Press, 1978. 120 p.
- DI NOLA, A. *La preghiera dell'uomo*. Roma: Newton Compton, 1988.
- ELIADE, Mircea. *Imagens Símbolos. Ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- ENCICLOPÉDIA ILUSTRADA DA BÍBLIA. São Paulo: Ed. Paulinas, 1987. 391 p.
- FORSYTH, Neil. *The Old Enemy: Satan and the Combat Myth*. Princeton: Princeton University Press, 1987.
- KEE, Howard Clark. *Medicina, miracolo e magia nei tempi del Nuovo Testamento*. Brescia: Paideia, 1993.
- MATEUS, J. - CAMACHO, F. *Evangelho, Figuras e Símbolos*. São Paulo: Ed. Paulinas.
- MAY, Rollo. *L'Amore e la Volontà*. Roma: Astrolabio, 1971. 316 p.
- PAGELS, Elaine. *As origens de Satanás. Um estudo sobre o Poder que as Forças Irracionais exercem na Sociedade Moderna*. Rio de Janeiro: Ed. Ediouro, 1996.

- SACCHI, PAOLO. *L'Apocalittica e la sua storia*. Brescia: Paideia, 1990.
- SCHIAVO, Luís – SILVA, Valmor da. *Jesus milagreiro e exorcista*. São Paulo: Ed. Paulinas, 2000.
- TERRIN, Aldo Natale. *O Sagrado Off Limits. A experiência religiosa e suas expressões*. São Paulo: Ed. Loyola, 1998.

### Notas

---

- <sup>1</sup> É o “mito do combate” típico das religiões orientais e exposto no *Enuma Elish*.
- <sup>2</sup> “É o Mediterrâneo oriental tal como experimentado todos os invernos pelos marinheiros e pescadores de Ugarit”. In: COHN, Norman. *Cosmos, Caos e o Mundo que virá...*, p. 166.
- <sup>3</sup> São, sobretudo, os Salmos 29 e 93 a cantar a vitória de Jahvé sobre as águas cósmicas.
- <sup>4</sup> Ver: Testamento de Salomão, um pseudepígrafo do I séc.d.C.
- <sup>5</sup> Ver a este respeito: KUEMMERLIN-McLEAN, Joanne K. *Demons*. In: THE ANCHOR BIBLE DICTIONARY, v. II, New York: Doubleday, 1992. p. 138-140.
- <sup>6</sup> HAMILTON, Victor P. *Satan*. Em: THE ANCHOR BIBLE DICTIONARY. New York: Doubleday, 1992. pp. 985-989.
- <sup>7</sup> Ver a este respeito: HORSLEY, Richard A – HANSON, John S. *Bandidos, Profetas e Messias. Movimentos populares no tempo de Jesus*. São Paulo: Ed. Paulus, 1995.
- <sup>8</sup> GREEN, William Scott. *Otherness Within: Toward a Theory of Difference in Rabbinic Judaism*. In: NEUSNER e FRERICHS (org.). *To See Ourselves As Othes See Us*.p. 46-49.